

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades – Campus III
Departamento de Geo-História
Curso de Licenciatura Plena em História

Jeniffer da Silva Vitorino

A história da cidade de Santa Rita contada em duas versões

Guarabira – 2010

Jeniffer da Silva Vitorino

**A história da cidade de Santa Rita contada em duas
versões**

Artigo a ser apresentado como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em História pela
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof^o. Ms. Fabrício de Sousa Morais

Guarabira – 2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V845h Vitorino, Jeniffer da Silva

A história da cidade de Santa Rita contada em duas versões
[manuscrito] : / Jeniffer da Silva Vitorino. - 2014.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Fabrício de Sousa Moraes, Departamento de
História".

1. História da Paraíba. 2. Historiografia. 3. Santa Rita. I.
Título.

21. ed. CDD 981.33

JENIFFER DA SILVA VITORINO

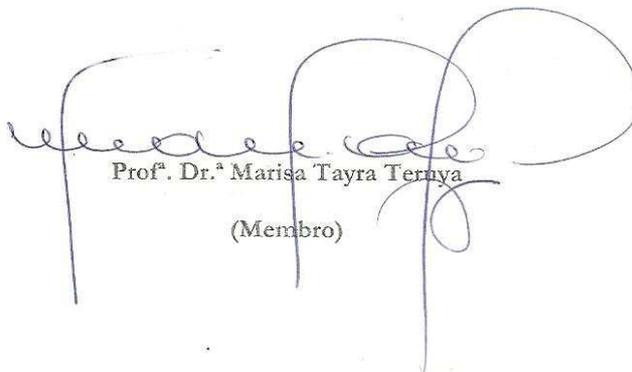
**A história da cidade de Santa Rita contada em duas
versões**

Aprovada em ____ / ____ / 2010

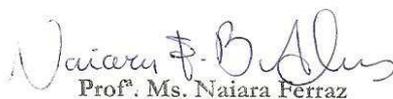
Banca Examinadora:



Prof. Ms. Fabrício de Sousa Morais
(Orientador)



Prof.ª Dr.ª Marisa Tayra Ternya
(Membro)



(Membro)

Dedico este trabalho a meus pais,
pelo esforço e compreensão, em todos
os momentos desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar comigo em mais uma realização de minha vida, pois sem ele nada seria possível.

Agradeço a meus familiares, especialmente a meu pai (Severino do Ramo Vitorino), a minha mãe (Elenilza da Silva Vitorino) e a meu irmão (Jefferson da Silva Vitorino), pelo carinho e por estarem ao meu lado sempre.

A todos os professores do curso de História dessa instituição, em especial ao Prof. Fabrício Moraes pela paciência na orientação, incentivo e pelo tempo dedicado.

Agradeço também a turma 2005.2, especialmente a Khadidja Cartaxo e Hyuri Marques pela diversão, pelo aprendizado, pela convivência e pela amizade.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, acreditam e me incentivam a buscar os meus ideais, meu **muito obrigado!**

“O historiador não é mais o homem capaz de construir um império”.

(Michel de Certeau)

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como foi escrita a história da cidade de Santa Rita através da construção de dois autores, mostrando como eles possuem modos particulares de controle sobre o saber. Trata de uma análise historiográfica das obras: **Santa Rita e seus vultos folclóricos** em dois volumes, de José Arimateia Alves de Santana, e **Santa Rita: A Herança Cristã do Real ao Cumbe**, de Siéllyson Francisco da Silva. Os autores são residentes na referida localidade e possuem formações acadêmicas diferentes.

Palavras-chaves: Santa Rita; Historiografia; Memória.

A história da cidade de Santa Rita contada em duas versões

Aluna: Jeniffer da Silva Vitorino

Orientador: Prof. Ms. Fabrício de Sousa Morais

Introdução

Minha escolha pelo tema surgiu a partir do meu interesse pela cidade de Santa Rita, onde nasci, cresci e resido até hoje. Tive conhecimento de que existiam algumas obras que falavam da história de Santa Rita e resolvi conhecer algumas dessas obras. A partir desse interesse pela cidade e com meu ingresso na universidade no curso de História, percebi as diferentes visões do mesmo fato contadas por alguns autores que escreveram sobre o município. Surgiu, então, a necessidade de compreender como se dá o processo de construção histórica acerca da história da cidade por esses autores e assim iniciei este trabalho de análise historiográfica. As obras são: **Santa Rita: A Herança Cristã do Real ao Cumbe** (2007) de Siéllyson Francisco da Silva e **Santa Rita e seus Vultos Folclóricos** (1999) de Siéllyson Francisco da Silva, cujos autores são nascidos e residentes nessa cidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizarei a perspectiva da análise historiográfica, com o interesse de refletir sobre como foi escrita a história da cidade, saber como os acontecimentos ocorridos nessa localidade foram construídos pelos autores Siéllyson Francisco da Silva e José Arimateia Alves de Santana.

Este artigo mostra como os referidos autores possuem modos particulares de abordarem o mesmo tema, como trabalham com as fontes históricas, como é transmitido e o que foi tornado monumento por eles. Um deles se posiciona a descrever os fatos e contar o cotidiano de alguns moradores, porém de forma simples, sem questionamentos, dando seu posicionamento em alguns fatos relatados. O outro escreve mais teoricamente com discussão de ideias e análise dos fatos.

Um patrimônio esquecido

Como veículo, saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma “realidade” passada. É o produto de um lugar. (CERTEAU, 1982, p. 73)

O historiador Siéllysson Francisco da Silva é santarritense, nasceu no Bairro Popular onde reside. Coursou o Ensino Fundamental no extinto Instituto São Francisco de Assis (ISFA), primeira escola da Rede Particular do Bairro Popular, onde seu pai era o proprietário e diretor. Estudou o Ensino Médio na Academia de Comércio Epitácio Pessoa, em João Pessoa, graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, Especialização em História do Brasil na Faculdade Integrada de Patos/PB, núcleo de João Pessoa e Mestrado em Ciências das Religiões, na UFPB. Participou do XXII Simpósio Nacional de História, organizado pela Associação Nacional de História, no qual apresentou comunicação sobre seu trabalho em elaboração: **Santa Rita: Patrimônio e História**, tema de sua monografia na Especialização, a partir da qual aprofundou suas pesquisas, o que resultou na obra em análise. O escritor, residente em Santa Rita, é filho de professor, que educou por anos os santarritenses no antigo Instituto São Francisco de Assis. Atualmente, Siéllysson é professor de História, Filosofia e Sociologia na rede particular e, desde 2001, lecionam na rede pública do município de Santa Rita.

Como cita Michel de Certeau (1982), a escrita ou produção histórica está influenciada pelo lugar no qual o historiador está inserido. E é como fruto dessa formação acadêmica, da graduação à especialização, voltada para Nova Historiografia, e tendo como exemplo seu pai, um educador, que Siéllysson Francisco da Silva traz como resultado de pesquisas, a primeira obra.

Siéllysson Francisco da Silva escreveu o livro **Santa Rita: A Herança Cristã do Real ao Cumbe** no ano de 2007, projeto aprovado pelo FIC (Fundo de Incentivo a Cultura do governo do estado da Paraíba, Lei Augusto dos Anjos). Nesse trabalho, considerado pelo autor como resgate de parte da História de Santa Rita, ele fala da importância de alguns monumentos para a História da Paraíba, bem como da cidade de Santa Rita, e levanta a questão do descaso que os poderes públicos têm com a preservação

desse patrimônio material, porém sem deixar de tentar conscientizar o leitor do seu papel de preservador e um colaborador de ações que se destinem a manutenção desses monumentos, já que esse patrimônio também lhe pertence. Nesse livro conta também qual a influência da religião na formação do povoado, onde hoje é a cidade de Santa Rita.

Na referida obra, Silva (2007) se utiliza de fontes orais, referências bibliográficas e iconografias, recursos esses de grande importância para o trabalho, pois através deles o autor pôde construir uma versão do que aconteceu, que contempla a complexidade do período.

Baseado nos escritos de Elias Herckmans, na **Descrição Geral da Capitania da Paraíba** (1982), Silva (2007) questiona que o território atual da cidade de Santa Rita, antes de ser conhecida como Cumbe, era denominada de Real, e nele se localizava o Engenho Del-rei de propriedade da Coroa Portuguesa. Essa afirmação ocorre independente de qualquer forte construído próximo ao engenho Santo André ou ao engenho São Cosme e Damião.

O autor escreve seu discurso de modo crítico, destacando vários pontos importantes sobre a formação do povoamento na Paraíba, na área que seria a cidade de Santa Rita, como os engenhos e sua importância como segundo núcleo de povoamento da Paraíba, como também as influências das construções religiosas no crescimento da cidade e o descaso na preservação de algumas dessas construções.

No primeiro capítulo de seu livro há uma discussão teórica sobre as ruínas do Engenho Tibiri. Ele afirma que talvez essas ruínas pudessem ser as do Engenho Del-rei, que teve grande importância, pois a partir dele surgiu o segundo núcleo de povoamento na Paraíba.

“O engenho Del-Rei era um engenho de grande porte, chegou a ter terras arrendadas, moía a cana de engenhos que se encontravam próximos, pois num breve transcorrer de anos a Várzea do rio Paraíba estava repleto de engenhos” (SILVA, 2007, p.30).

Para fazer tal discussão, Silva (2007) confronta alguns autores que escreveram sobre esse período na Paraíba e que dão vazão a essa idéia. É no **Sumário das armas** citado pelo autor, que emerge essa questão, pois consta que o engenho Del-rei foi construído próximo ao rio Tibiri. Por isso surge a dúvida de se realmente as ruínas do Tibiri eram desse engenho. Contudo, Herckmans (1982) levanta outra dúvida de que seria

o engenho Santo André, porque se acha no distrito que outrora se chamou Real. Porém, de acordo com as pesquisas de Silva (2007), a escassez na documentação devido à falta de conservação das fontes impossibilita a confirmação de tal discussão já que as informações são divergentes entre os autores. O historiador não consegue trazer de volta a totalidade dos fatos, pois trabalha com partes, a história não é mais o alicerce dos impérios:

O historiador não é mais o homem capaz de construir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. (CERTEAU, 1982, p.87)

Ainda no primeiro capítulo, Silva descreve a estrutura do Engenho Tibiri, utilizando-se de algumas obras escritas e busca, através das ruínas do engenho, evidências de que, de acordo com as mudanças no material utilizado na construção, ocorreu uma reconstrução no patrimônio. Segundo palavras do autor: “Nestas ruínas encontramos a parte mais antiga da construção feita em pedra, passando por tijolos que variam na espessura” (SILVA, 2007, p.35).

O autor fala também sobre a simbologia do poder católico exercido nos engenhos através da construção de belas capelas, em sua maioria em estilo barroco. Para isso, Silva (2007) cita José Octavio, que fala do período em que a Igreja Católica, no século XVI, exercia grande poder regulador da vida das pessoas, obrigando-as a irem à missa, de forma que nos engenhos, era comum encontrar uma Capela e à sua frente, um cruzeiro, para demarcar o território, numa forma de capitalizar grande prestígio no local, ou seja, simbolizando o poder católico em terras disputadas por protestantes.

No item *O algodão atrasou o desenvolvimento do povoado de Cumbe?*, do primeiro capítulo, o escritor faz uma problematização sobre como a produção de algodão influenciou no processo de crescimento do povoado, considerando que essa plantação se localizava no interior da Paraíba e a população do povoado se restringia aos engenhos no cultivo da cana-de-açúcar.

No trecho do primeiro capítulo que trata do Forte São Sebastião, o autor analisa como sendo um forte muito citado no século XVI, porém não citado nos documentos do período holandês na Paraíba; e também da Capela São Sebastião, reforçando a importância do patrimônio para a memória cultural da cidade e o descaso na preservação. Segundo Silva (2007):

O interessante é que muitos desses engenhos não resistiram ao tempo nem à falta de vontade humana de preservá-los, entretanto, algumas das capelas das antigas fábricas de açúcar permanecem como “testemunhas vivas” de uma época onde o poder estava centralizado nas mãos dos proprietários de engenhos auxiliados pelo clero. A capela de São Sebastião era um exemplo disto. Funcionando até meados do século XX, encontra-se sem altar, sem forro; o sino, na casa da antiga proprietária do terreno, o piso de pedra, quase não dava para percebê-lo entre os matos. Esquecida pelos órgãos responsáveis em preservação do patrimônio esperava-se uma atitude, seja do tempo, de terminar demolindo-a ou da atitude humana, restaurando-a para as gerações futuras (SILVA, 2007, p.42)

Nesse trecho, Silva (2007) cita como foram importantes esses engenhos e as capelas, em sua maioria com estilo barroco, para o povoamento da região, e enfatiza que algumas dessas construções não resistiram à ação do tempo, mas outras teimam em resistir aos anos, porém não despertam nenhum interesse da ação humana em preservá-las para futuras gerações. A capela citada veio a ser restaurada pelos proprietários no ano 2003 e doada à Igreja Católica em 2004 durante uma Missa em Ação de Graças.

Siéllysson Francisco da Silva destaca como outros exemplos do esquecimento para o patrimônio da cidade, as Capelas de São João Batista, na Usina São João, e a Capela de Santana do Gargaú, no Engenho Gargaú.

A Capela em estilo Eclético com predominância Neoclássica que todos conhecem da Usina São João é uma construção recente do início do século XX. Período este da modernização das fábricas de açúcar onde os engenhos se transformaram em usinas. A Usina São João fora no passado o Engenho São João Batista e posteriormente o Engenho Central, que moía para outros engenhos; deteve o poder e prestígio durante muito tempo. Sua principal capela, entretanto, não é do período do engenho. Mesmo que não houvesse a data de fundação, saberíamos pelo estilo arquitetônico (SILVA, 2007, p.63).

Ao citar essa Capela, o autor evidencia sua importância, pois seria ali “onde possivelmente tenha nascido o herói das batalhas contra o domínio holandês no Norte do país” (2007, p. 63), e também palco de ilustres figuras, como André Vidal de Negreiros. Fora o local onde o mesmo foi batizado, de propriedade de seus pais e que D. Pedro II visitou em 1859. A referida capela, até o ano em que Silva escreveu seu livro, não foi tombada pelos órgãos responsáveis, encontrando-se atualmente em ruínas e tomada pelos maribondos.

Sobre a Capela de Santana do Gargaú há a seguinte descrição:

Bela obra do barroco é a capela de Santana do Gargaú, atribuída a Duarte Gomes da Silveira (...). O Engenho Gargaú pertenceu a Duarte no século XVII; no ano

de 1999 um pequeno proprietário das terras ao lado da capela demoliu a casa grande, pois esta estava “em seu terreno e sendo invadida por jovens no final de noites”. O agricultor disse que mesmo depois de ter dado queixa na polícia nada se revolveu, ele resolveu demolir. Hoje, encontra-se apenas a capela com o brasão de Duarte Gomes da Silveira na frente (SILVA, 2007 p.64).

Essa capela também se encontra esquecida pelas autoridades e órgãos competentes em conservação e preservação, pois ainda não foi tombada. E nos últimos anos foi alvo de assaltantes que roubaram a pia batismal e o altar-mor. A capela terá o mesmo destino da casa grande? Já que não interessa a manutenção desses monumentos para alguns, como no caso do agricultor que demoliu a casa e nem era em sua propriedade. Ele estava sendo prejudicado com o abandono do local. Silva relembra a importância que essa capela teve no meio religioso e cultural de Santa Rita em outros momentos, tendo sido visitada por D. Pedro II quando esteve na região. Silva questiona: “Será que este é o destino do nosso patrimônio, ser abandonado até que esqueçam seu valor e sua história?” (2007, p. 65).

Além de instigar uma inquietação, é neste momento que o autor faz seu apelo ao incentivar o leitor no seu papel de colaborador na preservação. Para isso cita Giulio Carlos Argan (1998), em quem se baseou para concluir que não basta contemplar a memória das ruínas, precisa-se solucionar os problemas tentando restaurá-la e mesmo estando em ruínas poder continuar a viver e reviver.

No segundo capítulo do livro, o autor faz uma contextualização do século XVII no Brasil sobre as mudanças que ocorreram nesse período com a substituição do trono de Portugal, as invasões holandesas em territórios do Brasil e o período de crescimento econômico no vale do Paraíba.

O início do século XVII foi um período de grande crescimento econômico no vale do rio Paraíba do Norte, que não demorou muito para tornar-se bem mais importante que a capital (Filipéia). Nele era produzido o açúcar que era enviado para o porto de Pernambuco e de lá exportado para a Espanha (SILVA, 2007, p.47).

Ele também faz o contexto das expedições holandesas na busca pela conquista da capitania da Paraíba, ainda no século XVII.

Quando os holandeses venceram os colonos portugueses, dominaram a Capitania da Parahyba, desde o Forte de Santa Catarina, em Cabedelo, até as áreas dos engenhos – que vai até a atual cidade do Espírito Santo. Os invasores se

apossaram dos engenhos dos portugueses que resistiram ao domínio holandês ou simplesmente fugiram para outras capitanias para não enfrentá-los (SILVA, 2007, p.48).

Com relação aos portugueses que resistiram ao domínio holandês, Silva trata da batalha travada entre as tropas de Francisco Rabelo, conhecido como Rabelinho, e os holandeses. A questão que é levantada diz respeito à capela Nossa Senhora da Batalha, pertencente hoje à cidade de Espírito Santo, e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pertencente ao Município de Santa Rita, e que possivelmente foram construídas por Francisco Rabelo que lutou contra as tropas holandesas às margens do Rio Paraíba, onde foi construída uma ponte com o nome de Batalha.

Em seu município [Santa Rita] existem as seguintes povoações: Socorro e Batalha, insignificantes, mas interessantes pelas recordações históricas, à mesma margem da Parahyba, sobre o qual existe uma sólida ponte, bem conhecida pelo nome da última dos ditos povoados (JOFFILY citado por SILVA, 2007, p. 52)

Entretanto, o autor afirma que não há indicações históricas que comprovem que as capelas existentes na cidade de Espírito Santo e a outra no Município de Santa Rita, apesar de terem sido construídas no século XVII em intenção de ação de graças pela vitória e socorro na batalha, teriam sido construídas a pedido de Francisco Rabelo. O que se tem sobre o assunto são hipóteses como as que constam no trabalho de especialização em História, Meio ambiente e Turismo, dos alunos Ana Maria Leal e Leonardo Dinoá, ambos do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ, que teve como foco o Barroco na Paraíba e foi citado por Silva em sua obra na citação abaixo:

Como se sabe essas construções são posteriores ao período holandês, pois, durante os anos de dominação holandesa na Paraíba, esta área da várzea estava ocupada pelos holandeses (protestantes) havendo, assim, lutas pelo domínio, não sendo possível a construção dessas capelas (Socorro/Batalha) após a batalha de 1636. Não resta dúvida que é uma construção do século XVII, mas não podemos afirmar que foi Francisco Rabelo quem construiu, pois não há relatos da época que citem este fato; sabemos a intenção: em ação de graça pela vitória e pelo socorro; mas não seu construtor nem o ano da construção. Em suma, não podemos afirmar que há precisas indicações históricas, pois não há (SILVA, 2007, p.42).

Em relação à Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o autor faz uma descrição comparando sua arquitetura, diferente de todas as já construídas na Paraíba. Seus espaços comparam-se aos do forte Santa Catarina, o que deduz também sua serventia como

fortaleza. Seu estilo com um alpendre era incomum na Paraíba, porém não em outras capitâneas. Com isso, Silva supõe que provavelmente esse terraço ou alpendre servisse para os escravos assistirem à missa sem entrarem na igreja, para que não se misturassem com os brancos. Para reforçar ainda mais essa hipótese, o autor traz alguns dados a respeito da população livre e escrava na Paraíba no período de 1823 a 1851. Constatando também que no centro da cidade havia a construção de uma Igreja para escravos, outra para pardos e uma para brancos, cada tipo no seu lugar específico, o que demonstrava o preconceito existente entre os tipos humanos, salientando que no campo não havia essa divisão, o que reforça a tese criada em seu trabalho que o alpendre na capela servia para negros/escravos assistirem à missa, já que essas capelas não se localizavam no centro do povoado, reforçando ainda mais o racismo existente nessa época.

No terceiro e último capítulo do seu livro, o autor escreve sobre a formação do povoado a partir da religião, salientando a importância para o desenvolvimento do povoado da construção da Igreja Matriz no centro, no ano 1776, em homenagem à Santa Rita de Cássia, santa das causas impossíveis. Ele constata que a construção dessa capela no centro do povoado fez com que passasse a ser frequentada por romeiros que vinham pagar suas promessas e vender seus produtos na feira quinzenal que funcionava vizinha à Igreja Matriz, levando a um desenvolvimento econômico e mais à frente urbanístico.

A construção da igreja de Santa Rita fora extremamente importante para a formação da cidade. Durante o final do século XVIII e durante todo o século XIX, vários peregrinos vinham pagar suas promessas e vender seus produtos numa feira quinzenal, construída entre os anos de 1822-23. No local onde antes era a Feira Livre foi construído o Cinema Avenida, hoje Igreja Universal do Reino de Deus (SILVA, 2007, p.75).

Foi através da religião com as visitas dos peregrinos que se iniciou essa feira e com ela surge um maior desenvolvimento comercial na vila, que só passou a ser cidade no ano de 1890, apesar de ser o povoado mais antigo da Paraíba. Havendo certa divergência na data de comemoração da emancipação que para alguns políticos é dia 09 de março, data esta em que as autoridades teriam se reunido para decidir pela emancipação, porém para outros seria dia 19 de março, data em que foi publicada em Diário Oficial.

Silva traz uma tradução da palavra Cumbe feita por um jovem de origem africana, significando pequeno povoado ou povoado distante, que por alguns anos

denominou a cidade de Santa Rita, que só veio a ter esse nome após a construção da capela em homenagem a Santa Rita de Cássia.

Ao fazer um relato sobre a origem dos Capuchinhos, Silva derruba a hipótese de alguns cronistas, de que a capela de Santa Rita de Cássia teria sido uma construção dos Capuchinhos. E relata que essa ordem esteve presente no Brasil a partir de 1612 e durante o período de dominação holandesa catequizando os índios e fundando povoados.

Quem governa o Nordeste, neste período, sob domínio holandês, era o conde de Nassau, que embora sendo protestante, recebeu em Recife os Capuchinhos e lhes concede o direito de “catequizar” os indígenas (SILVA, 2007. p.72)

Porém, mesmo tendo estado no Brasil, não foi precisamente essa ordem religiosa que chegou à Paraíba, e sim a dos Frades Menores, em 1589, e que estes sim teriam construído a capela em homenagem à Santa Agostiniana.

Retornando ao Brasil em setembro de 1840, depois de reatar as relações entre a igreja e o Regente Pedro Araújo Lima [...]. Mas não aqui na Paraíba, a Ordem que aqui chegou foi a dos Frades Menores, em 1589, mas não especificamente os Capuchinhos (SILVA, 2007. p.73)

O autor finaliza o capítulo falando das mudanças na arquitetura da cidade em meados do século XX, quando ruas foram criadas, escolas, um novo cemitério, mais uma igreja, a de Nossa Senhora do Rosário, no estilo Art D’Cor, que fica próxima ao cemitério, quando perde o distrito de Barreiras que se emancipou, hoje atual Bayeux. E que nas décadas de 1950 e 60 missionários, freiras e padres holandeses estiveram em missão em Santa Rita, recebendo uma doação de terras onde foi construída a casa de saúde Flávio Ribeiro Coutinho.

Meados do século XX, a cidade de Santa Rita passou por grandes mudanças para a época: novas ruas foram criadas, inclusive no centro da cidade [...] e no início da rua foi edificado o Grupo Escolar João Úrsulo, inaugurado em 1939. No ano de 1937 o prefeito Flávio Maroja Filho colocou em anúncio no jornal A União pedindo que os moradores do Município que tivessem mortos enterrados no cemitério antigo, fossem até a prefeitura [...] porque seria retirado o cemitério do centro da cidade para ser transferido para o novo cemitério: Santana (Santa Ana) (SILVA, 2007. p.76)

Com isso, o autor conclui que Santa Rita teve seu início do campo para o centro, iniciando o desenvolvimento como vila a partir do expansionismo açucareiro e como freguesia seguindo os passos da fé com a construção da capela da matriz.

Seus personagens simples¹

“É impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função da qual ele se organiza silenciosamente”.
(CERTEAU, 1982, p.71)

O professor José Arimateia Alves de Santana cursou Licenciatura em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade Federal da Paraíba, tendo também os cursos de Técnico em Contabilidade e Escrituração Fiscal. Nasceu na cidade de Santa Rita, onde reside até hoje.

Começou lecionando na Escola Cenecista Américo Falcão, que hoje já não existe e foi monitor do Exame Supletivo de 1º Grau, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Enéas de Carvalho onde lecionou como professor de Química; foi também professor de Matemática da Escola Normal do Município, orientador dos Centros Cívicos da Escola Helena Isaura Guerra, hoje Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Ferreira Nunes; na Escola Municipal Monsenhor Rafael de Barros e na Escola Estadual Maria Honorina Santiago exerceu a função de vice-diretor.

José Arimateia Alves de Santana escreveu o livro **Santa Rita e seus vultos folclóricos** em dois volumes, o primeiro em 1999 e o segundo em 2000. Apesar de sua formação não ser em História, seu trabalho, segundo ele, tem um caráter de resgate histórico, porém não há preocupação com algum estilo de escrita historiográfica. O livro não se divide em capítulos, mas em trechos que falam de determinado assunto. Ele escreve de modo literário, utiliza-se de sentimentos na escrita de forma um tanto poética, versificada, como no trecho:

¹ Expressão usada por SANTANA, José Arimateia Alves ao se referir a pessoas do cotidiano da cidade.

Ah! Grande açude, quantas alegrias tu destes aquela menina que esquecia o tempo mergulhando em tuas águas, saboreando a gostosa frescura de teu precioso líquido, batendo peladas nos campos às tuas margens e tu, modestamente, irrigando os roçados como se não bastasse tudo o quanto fizeste oferecendo o teu corpo para lavar as sujeiras dos animais, dos carros, das roupas e das pessoas (SANTANA, 1999, p. 23).

Esse trecho fala do açude Tibiri existente na cidade, exaltando-o de forma saudosa como quem vivenciou tal momento. E assim continua sua fala: “Meu velho, na tua simplicidade és um bravo, és um valente, és um herói” (1999, p.23). Apesar da versificação, não há uma estrutura poética em sua escrita.

Em outro trecho do livro ele conta sobre a fundação do povoado que passou a vila e depois a cidade Santa Rita como sendo um lugar de pouso para os viajantes.

A Vila Santa Rita nasceu pequenina como todas as cidades ribeirinhas, às margens do Paraíba do Norte, cujas águas se prateavam de raios de luar, noite adentro, encantando os viajantes, que fascinados, pernoitavam às suas margens e amarravam as mulas carregadas de mercadorias nas moitas de juncos e bambuais. As tendas armadas se multiplicavam rapidamente, viravam barracas de comércio e moradias. As águas do Paraíba cativavam mais viajantes que por ali paravam. Logo armavam barracas. Casas de pau a pique foram ganhando formas; engenhos, usinas e olarias foram erguidas no solo. A matriz subiu o morro cercado de matas, ao lado da gruta esculpida de pedras trazidas do cemitério pelos pagadores de promessas. As casas de farinhas torravam as raspas de mandiocas, os vêm-vém chamavam mais viajantes e o sabiá sabia tudo. As matas escondiam as pacas, as cutias, as guaribas, as preguiças, os pássaros e os répteis (SANTANA, 1999, p. 29).

Ao longo de todo o livro o autor utiliza imagens de construções como igreja, cinema, praças, bares, rádio, engenho e pessoas como grupos carnavalescos e personagens simples das quais ele conta um pouco de sua história de vida com algum fato engraçado que as caracterizava.

A Companhia de Tecidos Paraibanos (C.T.P), fundada em 1891, anunciava o progresso. Lojas de tecidos (os metros de ouro) enganavam os matutos. Bodegas vendiam mantimentos; uma quarta de óleo, meia de açúcar, uma medida de vinagre etc. Não se falava mais de lampiões iluminando ruas e casas. Mercado público, inaugurado em 1947, tornando espaço de cemitério, praça de mercado. Posto de gasolina fazendo vizinhança com o coreto circular da esquina da praça e o pavilhão Santa Rita, palco dos boêmios e engraxates, hoje posto Ceslau Gadelha, O lamaçal do grande cercado de gado que deu origem ao bairro, cedeu espaço para a Praça do Pirulito. [...] Um automóvel importado, único da cidade, levantava poeiras avermelhadas pelas estradas de barro, que mais tarde cedeu lugar aos calçamentos. Assim como a tradicional festa do Rosário perdeu lugar para o depósito de materiais de construções. Acabaram com a festinha da estação ferroviária e a de São Sebastião no bairro do Cercado. (SANTANA, 1999, p. 29).

Nesse trecho, Santana dá continuidade na sua fala sobre o crescimento da cidade ao longo dos anos. A fábrica que foi construída trazia o progresso, a chegada da eletricidade, as praças que foram erguidas, o calçamento das ruas. Sem deixar de evidenciar alguns personagens da cidade. Exaltando os nomes de pessoas intelectuais; como no fragmento:

Santa Rita, teu nome de glória brilhará para sempre nas figuras intelectuais de teus filhos André Vidal de Negreiros, David Falcão, professora e poetisa Iracema Feijó da Silveira, poeta Américo Falcão, farmacêutico Joaquim Gomes da Silveira, empresário Enéas de Carvalho, Bacharel em direito e ex-juiz de Itabaiana Reginaldo Antonio de Oliveira, Juiz corregedor João Batista de Brito, Bacharel em direito Aécio Farias, o saudoso poeta que não publicou Jaime Lacet e muitos outros (SANTANA, 1999, p. 33).

Entretanto, tendo com maior destaque personagens mais simples aos quais ele denomina de vultos folclóricos, que são Isabel Bandeira, popularmente conhecida por “Vassoura”, contando um pouco de sua trajetória de vida. E como se irritava quando era chamada pelo apelido, que se destacava pelo modo como se vestia:

Maria Isabel Bandeira, popularmente conhecida por vassoura, mulher simples de estatura mediana, natural do município de Gurinhém, de um patriotismo incomparável expressado em suas vestes verde e amarelas, de lenço verde no pescoço e apito na boca, saía à procura de papéis jogados no lixo. (SANTANA, 1999, p. 49).

Mulher que casou com um homem simples popularmente conhecido por Pedro Buraco, com quem teve um filho chamado José Antonio Bandeira, que para o autor enriquece o folclore da cidade, pois tem uma capacidade artística. Com apenas dois instrumentos musicais, um bombo e uma gaita feita de cano de plástico, emite som de violão, viola, bandolim, guitarra e até órgão eletrônico.

Para o autor, vultos folclóricos são personagens simples do cotidiano que enriquecem o folclore da cidade com histórias engraçadas e comoventes de pessoas que vivem ou viveram em Santa Rita. Pobres e desprezados socialmente por conta desse destino, ficaram entregues a alienação.

Tem-se na obra de Santana uma separação do que é história de pessoas de renome dos cidadãos mais simples. E ele separa essas duas temáticas em partes distintas: a primeira faz parte da história da cidade, e a outra integra o folclore.

Outro vulto folclórico citado pelo autor é Diocleciano, o goiaba, como era chamado, natural de Serrinha e residente em Santa Rita, onde chegou na década de trinta, como nos mostra a seguir:

Homem trabalhador de cabo de enxada, nunca relaxou uma fogueira no local de trabalho para acender o charmoso cachimbo. Era possuidor de um grande roçado nas proximidades do açude Tibiri e exercia com perfeição a profissão de pedreiro (SANTANA, 1999, p. 61).

Um homem simples que perdeu a sanidade por motivos não muito claros, devido a essa falta da realidade. Os garotos que encontravam Diocleciano na rua o chamavam de “goiaba” e ele respondia de forma agressiva com xingamentos.

Continuando com os personagens citados por José Arimateia, temos seu Baé, como era conhecido Manoel Florenço da Costa, residente no bairro do Cercado. Era conhecido por contar histórias mentirosas, como a que ele conta sobre um assalto no bairro Alto das Populares, lugar em que ele fora de visita a um amigo e foi abordado por dois marginais que anunciaram o assalto.

– Eu, como sempre fui um bom corredor, não esperei para conversar. Fiz carreira. Aí, então, um dos bandidos disparou a arma. Quando olhei para trás a bala vinha que vinha cega atrás de mim. Então aumentei a velocidade, e a bala também aumentou, dobrei uma esquina, a bala também dobrou, passei pela delegacia e a bala também passou, foi quando lembrei de casa. Aí rumei para lá e a danada da bala atrás. Passei pela porta a mais de duzentos quilômetros por hora e fechei-a. Então respirei aliviado. Mas quando olhei pelo buraco da fechadura lá estava a danada da bala com a língua de fora esperando que eu saísse. Nunca mais vou naquele Alto (SANTANA, 1999, p. 72).

O autor também fala de José Fidelis da Silva, conhecido por guaraná, natural do município de Cuité, que era conhecido também por ser um andarilho. Um dia estava aqui e no outro ali, o rumo de suas caminhadas era incerto. De acordo com o autor, ele era um grande gozador que vivia a se embriagar pelos bares da cidade de Santa Rita.

Além das histórias de vida dessas figuras, Santana conta um fato engraçado de um homem matuto, pois vivia na zona rural de Santa Rita, onde nasceu e cresceu cuidando do seu roçado junto com a família, quando ficou doente e teve que ir ao médico, a quem voltou três vezes por não saber o significado das palavras ânus e reto, local onde o médico disse para colocar o remédio. Até que na terceira vez descobriu. Como descreve abaixo:

O doutor que já estava mal humorado por conta de um paciente atrevido, vendo aquele homem pela terceira vez, perguntou: _ Que quer agora moço? O pobre coitado já encabulado foi logo dizendo: _ Doutô é mermo pra butar adonde esse remédio? _ É para botar no rabo, meta no rabo e esprema. _ Disse o médico. Ai então, o matuto deu de pé dizendo: _ Meto no rabo de sua mãe seu fio da puta. Eu bem qui não quiria vim pra essa merda mermo. E saiu se maldizendo (SANTANA, 1999, p. 84).

Este trecho é uma das histórias contadas por José Fidelis, referindo-se à ignorância de um matuto, sua falta de conhecimento sobre significados de palavras, devido à falta de estudos e à impaciência do médico em ver aquele homem pela terceira vez por causa do mesmo problema.

Ele conta também algumas piadas que Birino, residente no bairro do Cercado, outro vulto folclórico da cidade, personagem simples que vivia a contar suas piadas pela principal de Santa Rita.

Um senhor de boa aparência chegou em um estabelecimento comercial e disse: _ Moço, me dê uma caixa de preservativo. O balconista olhou para ele demoradamente e perguntou: _ O senhor é português? _ Como foi que o moço percebeu? Foi pelo sotaque? _ Não! É que aqui é uma padaria senhor (SANTANA, 1999, p. 87).

Além desse, o autor fala também de Liro, Garapa, Cosmo, Dudé e Filomena, pessoas humildes que trabalhavam e residiam em Santa Rita e que se irritavam ao serem chamados por apelidos, começando a falar mal ou até mesmo agredir. Ele fala de um candidato a vereador que estava tão confiante em sua vitória, que não deu importância de ir votar e no momento da apuração não se tinha nem um voto destinado a ele. Sua última esperança era o voto de sua mulher, porém ele esquecera de que tinha brigado com ela no dia anterior e por vingança ela não votou nele, com isso ao final da apuração foi o candidato que não obteve votos.

O autor não cita o nome, mas faz referência ao atual prefeito de Santa Rita, ao dizer que a história política da cidade ganhou outro rumo com o aparecimento de um galego dos olhos azuis, como ele era conhecido durante as primeiras campanhas. Seria uma forma de evidenciar o prefeito, pois considera um avanço na cidade seu período de governo, o que demonstra seu posicionamento em relação ao seu mandato.

Dando continuidade a seu trabalho, Santana escreve sua segunda obra, o segundo volume do livro **Santa Rita e seus vultos folclóricos**. O autor escreve da mesma

forma, em linguagem narrativa, porém neste volume dá ênfase a alguns personagens que fizeram parte da política em Santa Rita.

Como toda produção histórica começa com a seleção das fontes que serão utilizadas na construção do discurso, e sendo um processo de escolha, de reorganização dos documentos: “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira” CERTEAU (1982). Sendo assim, o autor utiliza como fontes referências bibliográficas, iconografias como meras ilustrações e fontes orais. Ele pode ser considerado um memorialista, pois ele usa suas próprias memórias para falar dos personagens tidos como vultos folclóricos e de parte do desenvolvimento da cidade, nos dois livros.

Assim como no primeiro, o segundo volume é dividido em duas partes: a primeira conta a origem da cidade de Santa Rita, sua economia, lendas, capelas, e na segunda parte ele fala um pouco sobre os vultos folclóricos do lugar. Ao falar da origem da cidade, o autor enfatiza o Rio Paraíba, lugar em cujas margens iniciou-se o povoado que deu origem à Santa Rita.

E, com a retirada dos invasores e dos índios Potiguaras teve origem o pequeno povoado às margens do rio “Paraíba”, cujo nome significa árvore Simaruba, de boa madeira. Entretanto, alguns escritores levando em conta a grande dificuldade de navegação em seu leito, adotaram o significado da palavra Paraíba, rio turbulento ou pouco navegável. O nome do rio porventura pode ter sido por conta da grande quantidade dessa planta da família Simarubácea existente nas proximidades de suas margens. (SANTANA, 2000, p. 31).

Quando conta um fato ocorrido, a luta entre os holandeses e o exército português na ponte sobre o rio Paraíba denominada de Batalha por motivo desse conflito, Santana exalta o nome dos comandantes dos exércitos que lutaram na ponte da Batalha.

De um lado, o pequeno exército do Capitão Francisco Rabelo em defesa do seu território; do outro, os invasores holandeses movidos pela cobiça do nosso açúcar, que levaram para ser refinado na Holanda, e também motivado pela superioridade numérica de sua tropa, quase dois invasores para cada patriota. Entretanto, não demorou muito para que o exército holandês começasse a exterminar, pouco a pouco, o frágil e pequeno exército nativo. (...) Os inimigos viram suas forças cederem, e seu numeroso e vigoroso exército fracassando e tombando diante dos nossos bravos guerreiros. Como um passo de mágica, a tropa holandesa viu-se cercada entre fogo cruzado. Eram os aliados comandados por Capitão Sebastião de Souto e o grande herói e vencedor de várias batalhas, Henrique Dias, que chegaram para ajudar Capitão Francisco Rabelo e seu bravo exército. A batalha foi vencida. Alguns anos após a derrota, em 1654, os holandeses deixaram definitivamente a Paraíba. (SANTANA, 2000, p. 33)

Nesse trecho define-se bem uma história tradicional em que se tem heróis e vilões. De um lado, o patriota Capitão Francisco Rabelo com seu pequeno exército ajudado pelo Capitão Sebastião de Souto e o Capitão Henrique Dias, todos com um status, patente; e do outro, os invasores holandeses motivados pela cobiça. Há a definição de um herói que luta contra o inimigo. Como podemos ver também nesta frase: “os inimigos viram suas forças cederem, e seu numeroso e vigoroso exército fracassando diante dos nossos bravos guerreiros” (SANTANA, 2000, p. 34).

O autor fala da construção da igreja Matriz em 1776 e que em 1931 teve início, com o Padre Monsenhor Melebeu, a construção da torre na igreja que só veio a ser terminada em 1932, pelo Padre Monsenhor Rafael de Barros.

Ao dar continuidade à história da cidade, o autor cita os interventores que a cidade teve antes do primeiro prefeito eleito Flávio Maroja Filho, e o que eles fizeram na cidade de Santa Rita.

Santa Rita teve vários interventores, a exemplo do prefeito Coronel Francisco Alves de Souza Carvalho, nomeado no governo de Campo Sales em 1897, quando criou o 1º Conselho Municipal; hoje, Câmara Municipal. (...) Além de Francisco Carvalho foram interventores o Coronel Amaro Gomes Ferraz que iniciou a construção do galpão do primeiro mercado público justamente onde hoje funciona a igreja Universal; Tenente Coronel Bernardo Alves de Souza construiu o primeiro matadouro público e iniciou a arborização da cidade; Reverendo Vigário Manuel Gervásio Ferreira da Silva construção da primeira cadeia, calçadas, escola municipal e reedificação de estrada; Francisco Pedro dos Santos construiu a balaustrada da praça D. Pedro II e o coreto da Praça João Pessoa; Diógenes Chianca construção do atual mercado público e passou o cemitério para a atual localidade; Edgar Seager concluiu o calçamento da Rua Gama e Melo construção do cemitério Senhor da Boa Sentença, mandou trazer da Holanda o relógio da matriz e construiu o prédio da atual cadeia pública; (SANTANA, 2000, p. 27).

Da mesma forma que fala dos interventores, Santana enumera os prefeitos, vices e o que fizeram até o ano de 2000, ano de publicação de seu livro.

O autor fala também de economia, que se restringia às usinas, pois era predominante na cidade, economia incentivada inicialmente no século XVIII pelos holandeses que ofereceram empréstimos aos senhores para melhoramento dos seus engenhos, conseqüentemente aumentando o número.

Daí, então, a Várzea do Paraíba, incentivada pela boa qualidade de sua lavoura, cujo solo era formado basicamente por massapé, que favorecia o cultivo da cana-de-açúcar promovendo, portanto, a necessidade de criação de novos engenhos, totalizando em média 32. Foram eles: engenho Tibiry, fundado em 1586, localizado em Tibiry, (fechou suas portas por conta de uma ação judicial movida contra ele por um engenho pernambucano, pois o engenho Tibiry copiou um rótulo de aguardente chamada Chica Bôa, cuja marca era patenteada pelo engenho pernambucano); engenho Santo Amaro, engenho São Guilherme, engenho Torrinho, engenho Inhumbim, engenho Cumbe, engenho Santo André, engenho Capelinha, engenho Uma, engenho Oiteiro, engenho Sebastopol, engenho Patrocínio, engenho Vigário, engenho do Meio, engenho Central, engenho São Francisco, engenho Gargaú, engenho Velho, engenho Pau D'arco, engenho Olho d'Água, engenho São Bento, engenho Novo, engenho São Gonçalo, engenho Munguenge, etc. (SANTANA, 2000, p. 42).

A cidade de Santa Rita não teve desenvolvimento industrial até meados do século XX, pois a influência das usinas era forte e só existia uma fábrica de grande porte, a Fábrica Tibiry. O autor salienta sua importância como uma das primeiras indústrias de fiação da Paraíba, e sua grande influência no desenvolvimento cultural e econômico do Município, mostrando os eventos promovidos, a implantação de escola, o comércio de mercadorias e o lazer proporcionado aos funcionários.

Na cultura promoveu eventos importantes como a festa anual de 1º de maio, realizada no largo Vidal de Negreiros, local da feira da Raposa, onde pela primeira vez, em Santa Rita, foram mostrados filmes ao público, exibidos num telão. Foi a primeira indústria a contratar um jogador de futebol, dando-lhe como acordo do contrato um emprego na fiação (o jogador Cira, que no momento era atleta do Guarany Futebol Clube). Na área educacional, foi pioneira na implantação da escola de música, onde havia uma sala especificamente criada para o ensino da música; foi também, primeira na criação de uma entidade de ensino primário gratuito para os filhos dos operários, na qual o alunado, além da merenda escolar tinha direito ao fardamento completo. Essa entidade de ensino funcionava no local do antigo Bazar Tibiry, que tinha como mercadorias de vendas: estivas, retalhos, tecidos e produtos de miudezas em geral. Hoje, em seu local, funciona a Escola Normal Anísio Pereira Borges. No lazer, havia uma praça muito bem conservada na frente da casa grande, atual Fórum da cidade, onde aos domingos e feriados iam dar o tradicional passeio. (SANTANA, 2000, p. 43).

O autor fala ainda do descaso com a memória dessa fábrica, atribuindo à cidade uma dívida com ela, que teve grande importância no desenvolvimento de Santa Rita e que hoje nem as ruínas existem mais. Onde antes era a fábrica foi construída uma praça de eventos denominada de Praça do Povo.

Ao falar da economia, o autor cita os estabelecimentos que reforçaram a economia da cidade e seus proprietários como, por exemplo, o primeiro estabelecimento de

panificação do município de propriedade do Sr. Amaro Ferraz e o terceiro que foi a padaria Santa Rita do Sr. José Gonçalves do Nascimento.

O autor escreve sobre as capelas que existiam na região na área dos engenhos, recontando histórias contadas por antigos moradores sobre fatos inexplicáveis que supostamente aconteceram nessas igrejas, lendas como a da capela de Santa Rita de Cássia, da usina Santa Rita, onde o sino badalava sozinho durante à noite, precisamente à meia-noite, momento em que aparecia um negro sem cabeça em cima da caldeira acenando com as mãos, chamando as pessoas para entrar com ele na caldeira. Esses acontecimentos estavam presentes no imaginário local.

Como as capelas se localizavam nas terras dos engenhos, Santana remete aos donos de engenhos ainda através de relatos de moradores mais antigos do local que contam o que os senhores proprietários dos engenhos faziam para castigar os seus trabalhadores.

O autor reconta esses episódios em uma parte de seu livro que é intitulado *Capelas e lendas*, o que leva à confirmação de que o assunto é tratado como sendo algo lendário, fantasioso, que foge à realidade ou mesmo como sendo um exagero dos moradores. Vale salientar que os senhores de engenho exerciam seu poder sobre seus subalternos até mesmo de forma violenta. Todavia, Santana não questiona os relatos, apenas os reconta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores analisados neste trabalho se distinguem em alguns pontos de suas obras, pois mesmo tendo a mesma profissão de professor, suas formações acadêmicas são diferentes. Há uma distância quanto à forma de escrever. Apesar de abordarem o mesmo objeto, a cidade de Santa Rita, escrevem/falam sobre esta de maneira diferente em seus livros.

Um ponto que os distinguem é a linguagem escrita, visto que Siéllyson Francisco da Silva, recém saído do curso de História, com viés na Nova História, perfil que se reflete em toda sua obra, trata os fatos com questionamentos, discussão de ideias, em uma abordagem teórica mais nítida dos fatos com uma linguagem formal na sua escrita.

José Arimateia Alves de Santana, por sua vez, concluiu o curso de Ciências, mas atuou como professor em outras disciplinas. Sua formação não foi de historiador, apesar de escrever uma obra que fala da cidade de Santa Rita com o objetivo de resgate histórico, e escreve um pouco do cotidiano de alguns moradores da cidade, porém o faz em uma linguagem literária e poética, em que seus personagens mais simples, os moradores, são caracterizados como folclóricos. Esse é outro ponto de diferença entre os referidos autores, pois Siéllyson Francisco não fala de cotidiano em sua obra, ele é mais voltado para falar da história do patrimônio cultural da cidade, como construções antigas de engenhos, capelas, e faz discussões teóricas a esse respeito.

José Arimateia Alves de Santana pode ser caracterizado como um reproduzidor do que está sacramentado, ou seja, uma história tradicional, pois reconta tudo da mesma forma como já existe nos escritos oficiais. Ele é também um memorialista, já que se utiliza de suas memórias na escrita dos fatos. Por mais que ele use a idéia de folclore, acaba abordando aspectos peculiares (os loucos, os mendigos...).

Um mesmo fato contado pelos dois escritores, como o que fala sobre a luta contra os holandeses em uma ponte denominada de Batalha, e abordado pelos autores de maneiras distintas. José Arimateia exalta o nome de líderes, comandantes das tropas que lutaram nessa batalha, e Siéllyson Francisco descreve o fato sem muita exaltação de nomes, pois seu interesse é com o patrimônio material, nesse caso as capelas.

A abordagem do livro de Silva é voltada à história do Patrimônio Cultural, falando sobre a importância das capelas na vida dos engenhos, além de descrever os seus estilos arquitetônicos. Santana também fala das capelas que existem ou existiram na cidade, porém de forma diferente, pois ele conta histórias que povoaram o imaginário dos moradores mais antigos da região, fatos inusitados que aconteceram e que envolviam as capelas.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1982.

CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. História da História ou da Historiografia como História Social. In: SÁ, Ariane Norma de Menezes, MARIANO, Serioja R.C. (orgs.). **Histórias da Paraíba: autores e análises historiográficas sobre o século XIX**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

HERCKMANS, Elias: **DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA PARAIBA**, notas de Siéllyson Francisco da Silva, João Pessoa, Paraíba, Brasil, 2007.

SANTANA, José Arimatéia Alves de. **Santa Rita e seus vultos folclóricos**. 1. ed. João Pessoa: Imprell, 1999.

SANTANA, José Arimatéia Alves de. **Santa Rita e seus vultos folclóricos II**. 1. ed.v.2. João Pessoa: Imprell, 2000.

SILVA, Siéllyson Francisco da. **Santa Rita: A Herança Cristã do Real ao Cumbe**. João Pessoa, Ed. Idéia, 2007.